CAAP
IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas

Martim Lopes
Universitat Rovira i Virgili.
CHAM. NOVA/FCSH.
Bolseiro FCT (2022.13166BD)
martimafonsorl@sapo.pt

Paulo Calaveiras
Universidade Nova de Lisboa. NOVA/FCSH.
paulocalaveiras@gmail.com

José Carlos Quaresma
Universidade Nova de Lisboa. NOVA/FCSH.
CHAM – Centro de Humanidades.
josecarlosquaresma@gmail.com

Joel Santos
University of Leicester
joelrosantos@gmail.com

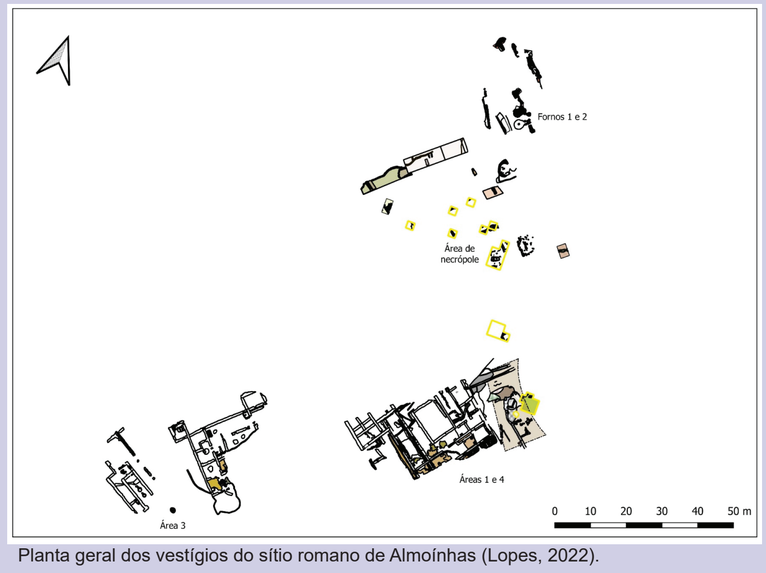
O sítio de Almoínhas, localizado na várzea do rio de Loures, tem uma ocupação que se estende seguramente entre o início do século II e a primeira metade do VI d.C. (Quaresma, 2018; 2018-2019; 2019; 2020; 2021; Lopes, 2022; Quaresma e Lopes, no prelo).

Identificada uma efectiva ocupação romana em prospecções levadas a cabo pelo município de Loures, entre 1995 e 2001, foram sistematicamente efectuadas escavações, através de seis sondagens arqueológicas, pelo Museu Municipal de Loures, tendo sido descoberta parte de uma área de necrópole, uma área de lixeira e parte de uma estrutura (Oliveira, 2001).

Interrompidas as escavações, o sítio permaneceu sem mais intervenções até aos anos de 2006/2007, quando, a propósito da construção de uma superfície comercial na zona, foi efectuado, pela empresa ERA-Arqueologia, o acompanhamento e posterior escavação da área de implantação dos novos acessos viários (Coelho, 2007; Brazuna e Coelho, 2012).

Nesta intervenção, foram identificados dois grandes núcleos edificados – Área 1, com um edifício habitacional ocupado entre o início do século II d.C. e meados do VI d.C., e a Área 3, com dois edifícios de caracter produtivo, contando, inclusive, com um horreum, tendo sido utilizado com as suas funções primárias, seguramente, até meados do século III d.C., e reocupado por squatting com carácter habitacional, a partir do final do século IV ou início do V d.C. (Lopes, 2022).

A par destes contextos foi intervencionada a restante área de lixeira, já identificada nas intervenções municipais, bem como três fornos cerâmicos, com cronologia de funcionamento entre o final do século I ou início do II d.C. e o início do III d.C..



Planta geral dos vestígios do sítio romano de Almoínhas (Lopes, 2022).

O conjunto e a estratigrafia

Entre as escavações municipais e da empresa ERA foram recolhidos 48 fragmentos de peso de tear dos quais 27 estão completos ou preservados praticamente na sua totalidade. Este conjunto apresenta 10 grafitos/elementos decorativos, todos ante cocturam (figs. 2 e 3).

Morfologicamente, o conjunto varia entre três tipos – quadrangular, rectangular e trapezoidal. Destes tipos, o trapezoidal é o mais representado (30 NMI – 63%), seguido do quadrangular e do rectangular, que se equivalem (7 NMI – 15%), estando menos representado, dado o seu estado de conservação, o tipo indeterminado (4 NMI – 8%)

A dispersão no sítio arqueológico, quer seja espacial ou diacronicamente, não sugere a associação a nenhum contexto de uso, isto é, para além do conjunto em análise, não são conhecidas evidências directas de produção de têxteis em Almoínhas, havendo uma concentração de vestígios no interior do edifício da Área 1 e do núcleo Norte da Área 3.

Apesar disto, a existência de um horreum, bem como de uma base para roda de oleiro no edifício Norte da Área 3, associados à recolha de três pesos em conjunto na U.E. 3150, datada de 280/290+ d.C. (Lopes, 2022), bem como de mais cinco pesos noutras unidades deste edifício, sugerem que a produção de têxteis poderá ter ocorrido neste espaço, algures entre os finais do século III e o século IV d.C..

Nas nove fases crono-estratigráficas propostas para a evolução do sítio arqueológico, os pesos de tear estão presentes em seis das fases, com particular relevância para a segunda metade do século III d.C. (250-300 d.C.), uma fase já bem conhecida no sítio e que coincide com o pico do consumo e desenvolvimento arquitectónico dos espaços (Lopes, 2022).

Fase/Morfologia	Quadrangular	Rectangular	Trapezoidal	Ind.	TOTAL
100+	-	-	2	-	**2**
190/200+	-	-	4	-	**4**
250-300	1	2	5	-	**8**
270-280/290+	-	2	1	-	**3**
300+	1	-	-	-	**1**
Século III?	-	-	1	-	**1**
Século IV	-	-	-	1	**1**
2ª metade século IV	-	1	1	1	**3**
250 a 500+	-	-	1	-	**1**
400+	-	-	1	-	**1**
460+	-	-	1	-	**1**
475+	1	-	-	1	**2**
500+	2	-	1	-	**3**
525+	-	-	1	-	**1**
Superfície	-	-	1	-	**1**
Ind.	2	2	10	1	**15**
TOTAL	**7**	**7**	**30**	**4**	48

O edifício habitacional da Área 1 é o local de maior concentração de vestígios (19 NMI), ainda que a dispersão contextual e diacrónica seja muito elevada e por vezes de difícil interpretação, não havendo concentrações de materiais numa unidade estratigráfica ou compartimento.

Apenas no âmbito cronológico parece existir alguma coerência de dados, já que há três momentos de destaque, nomeadamente o final do século II d.C.; meados e a segunda metade do século III d.C.; e o final do século V d.C., quando o edifício é reocupado com fenómenos de squatting (Lopes, 2022; Quaresma e Lopes, no prelo).

Para além destes dados, em termos espaciais, pode ser apontado o registo de três pesos de tear na U.E. 102, referente a um contexto que, ainda que de difícil interpretação, poderá corresponder a níveis de descarte associados aos fornos 1 e 2, cujo funcionamento está apontado para os séculos II-III d.C. (Brazuna e Coelho, 2012; Lopes, 2022).

Grafitos/elementos decorativos

O conjunto de grafitos corresponde a um grupo limitado de motivos, de onde se destaca a dominância do motivo de círculo no topo do peso, quer seja com apenas um círculo (1 NMI, nº 12) ou um conjunto de três círculos (3 NMI, nº 3 a 6).

Para além destes motivos, há um grafito, na face lateral, que grafa um possível numeral, X (nº 7), bem como um outro grafito, no topo (nº 1), que poderá ser interpretado enquanto VAL(erii), gentilício bem conhecido no ager olisiponensis (Encarnação, 1984).

É de notar que este grafito não é caso único de registo de um gentilício no vale de Loures, nomeadamente, registando-se um IVL(ii), no sítio de Unhos (Silva e Santos, 2007), nome de família que é bem conhecido epigraficamente no território do vale de Loures (Fernandes, 1998).

A par disto, três outras evidências parecem apresentar escrita cursiva, mas de difícil leitura, e, por tal, tendo ficadas registadas enquanto indeterminadas.

Cronologicamente, a leitura passível de ser efectuada é relativamente reduzida, sendo de notar a representação do motivo com um círculo na fase de 500+ d.C., no interior do espaço do núcleo Sul da Área 3, sendo a única evidência datável que poderá estar num hipotético contexto de uso.

Quanto aos três círculos, dois dos exemplares são provenientes de um contexto pouco claro ([102] – possível nível de descarte/entulho) na envolvente dos fornos, sendo sugestiva a sua ligação com estas estruturas. O outro exemplar surge no desmonte do muro [3028] do edifício Norte da Área 3, na fase de 500+ d.C., não sendo absolutamente claro pelo registo da intervenção se este material poderia estar imbricado no aparelho do muro, e assim pertencer às fases alto-imperiais do sítio, ou corresponder aos níveis associados ao colapso e abandono da estrutura.

Fabricos

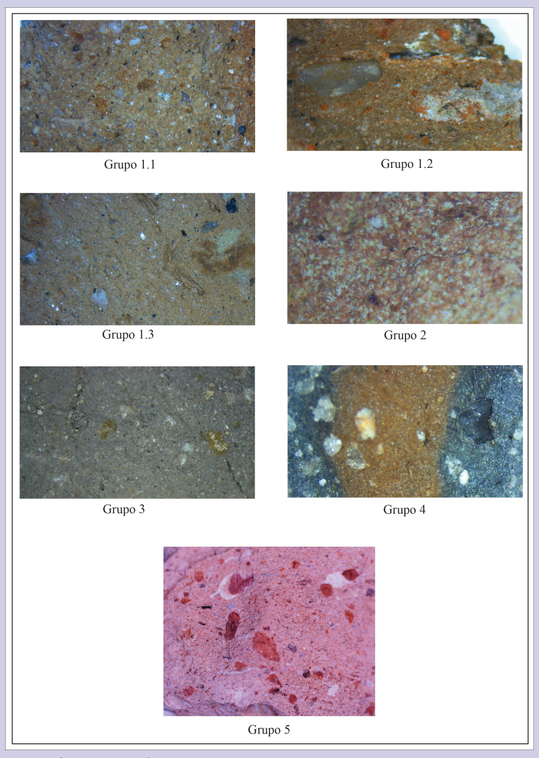
No que respeita aos fabricos identificados no conjunto de Almoínhas, determinou-se um total de cinco grupos, tendo o primeiro fabrico três subgrupos.

É possível caracterizar globalmente as produções como dominantemente quartzíticas e de cozedura maioritariamente oxidante, onde o grupo 1 é largamente dominante (87,5%).

A análise integrada dos grupos de fabrico e da estratigrafia, infelizmente, é pouco conclusiva, estando o grupo 1 disperso por toda a diacronia.

No que respeita aos restantes grupos, a sua representação é diminuta (1 a 2 NMI por fabrico) e, por tal, difícil de interpretar. Ainda assim, o grupo 3 poderá ser associável ao século IV d.C., e os fabricos 2 e 4, exclusivamente de pesos quadrangulares, poderão ser fabricos mais tardios, visto surgirem nas fases de 475+ e 500+ d.C..

Quanto ao fabrico 1, no geral, é plausível que uma parte destas peças possa ser de fabrico local, já que os já mencionados três pesos recolhidos próximos aos fornos cerâmicos apresentam características arqueométricas similares a outras cerâmicas encontradas no interior de um dos fornos. De igual modo, devido a uma aparente exposição a elevadas temperaturas após a cozedura, estas cerâmicas têm superfícies que se desfazem com alguma facilidade. Ainda que incipientes, estes dados levantam uma hipótese de trabalho a confirmar por futuros estudos a realizar sobre as produções cerâmicas destes três fornos.



Grupos de fabrico dos pesos de tear de Almoínhas.

Análise métrica

A análise métrica teve como objectivo entender se existiriam tendências padronizadas no fabrico dos pesos de tear, através do estudo estatístico de algumas das suas características: tipologia, altura, largura máxima, largura mínima e profundidade do orifício.

A distribuição cronológica, sendo diacronicamente dispersa, não permitiu a construção de amostras estatisticamente significativas, pelo que não foi considerada na análise.

Os testes estatísticos com o maior número de amostras (N) foram realizados à profundidade do orifício nos pesos de tear (N=37 unidades). Todos os outros testes utilizaram amostras menores, que foram drasticamente reduzidas quando se fez a análise por tipo (N=5 unidades para os pesos rectangulares).

Foram encontradas algumas tendências estatísticas. Nomeadamente uma tendência bimodal na largura mínima (existiriam duas medidas padronizadas?), uma tendência para a normalidade relativamente à altura, uma forte correlação entre a largura mínima e largura máxima e uma relação moderada entre a altura e a largura máxima dos pesos de tear.

Contudo, o número reduzido de amostras, faz com que os resultados obtidos sejam apenas exploratórios, sem a robustez estatística de amostras de maior dimensão, podendo em trabalhos futuros vir a ser comprovados ou refutados com a existência de um maior conjunto de dados.

Conclusões

Almoínhas apresenta um conjunto de pesos de tear com alguma dimensão (48 NMI), evidência que constitui um forte indício de actividade têxtil neste sítio, entre o século II e VI d.C., parecendo que, apesar do espaço sofrer várias transformações (arquitectónicas e funcionais) ao longo da diacronia de ocupação, a tecelagem foi sempre parte do quotidiano de quem ali habitou.

De facto, os dados existentes parecem coincidir com os momentos de maior dinâmica do sítio. No entanto, não é perceptível a sua associação clara a um contexto de uso, com excepção dos níveis do início do século VI d.C., identificados no núcleo Sul da Área 3, o qual entretanto fora reconvertido para âmbito habitacional, comprovando-se assim a sobrevivência da actividade de tecelagem, em Almoínhas, aparentemente de forma contínua, entre os séculos II e VI d.C..

Apesar de a presença de grafitos ou decorações nos pesos ainda ter algum significado no conjunto (20,8%), a leitura passível de ser efectuada é reduzida, sendo apenas de destacar a importância do motivo decorativo com três círculos e a presença de um grafito interpretável como VAL(erii).

A análise métrica confirma a necessidade de uma amostra de maior dimensão para a obtenção de resultados mais concretos. No entanto, é detectável uma aparente padronização dos pesos, bem vincada na relação entre largura mínima e máxima, no caso dos pesos trapezoidais.

A distribuição cronológica, sendo diacronicamente dispersa, não permitiu a construção de amostras estatisticamente significativas, pelo que não foi considerada na análise.

Os testes estatísticos com o maior número de amostras (N) foram realizados à profundidade do orifício nos pesos de tear (N=37 unidades).

Todos os outros testes utilizaram amostras menores, que foram drasticamente reduzidas quando se fez a análise por tipo (N=5 unidades para os pesos rectangulares).

Por esta razão, os resultados obtidos são apenas exploratórios, sem a robustez estatística de amostras de maior dimensão, podendo em trabalhos futuros vir a ser comprovados ou refutados com um maior conjunto de dados.Infelizmente, a dimensão da amostra não foi suficiente para compreender a existência ou não de pesos (gramagem) estandardizados, lacuna que se espera possa vir a ser colmatada em estudos futuros.

Bibliografia principal:

BRAZUNA, Sandra; COELHO, Manuela (2012) – A Villa das Almoínhas (Loures). Trabalhos arqueológicos de diagnóstico e minimização. Cira Arqueologia – Atas Mesa Redonda "De Olisipo a Ierabriga". Número 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 103-114.
FARINHA, Ana Cristina (2021) – O sítio romano das Almoínhas (Lisboa, Loures, Portugal) e o case study "Loures nos séculos XIV e XV". In Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. A cidade produtora (e consumidora), volume VI. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, p. 167 – 180.
LOPES, Martim (2022) - As ânforas do sítio romano de Almoínhas (Loures,Portugal): Análise tipológica, crono-estratigráfica e económica (sécs. II-VI d.C.). Tese de mestrado em Arqueologia.Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (NOVA-FCSH).
OLIVEIRA, Ana Cristina (2001) – A villa das Almoínhas (Loures, Portugal). Apresentação dos trabalhos desenvolvidos entre 1995 e 1996. O Arqueólogo Português. Lisboa. Série IV. 19, pp. 65-94.
QUARESMA, José Carlos (2018) – Transição estratigráfica em Almoínhas (Loures, Portugal): evolução das importações finas na Lusitania entre c.100 e c.320 d.C.. Cira Arqueologia. Vila franca de Xira. 6, pp. 199-230.
QUARESMA, José Carlos (2018-2019) – From Late Roman to Suevic-Visigothic period at Almoínhas (Loures, Portugal): evolution of fine ware imports and regional imitations between c.350 and 525+ AD. Oppidum, Caduernos de Investigaciòn. Segovia: IE Universidad. 18-19, pp. 255-294.
QUARESMA, José Carlos (2019) – Almoínhas: evolução crono-estratigráfica das importações num sítio de consumo da Península de Lisboa, entre c.100 e 525-550 d.C. In Fernández García, M. I.; Gómez Martínez, E. (eds.) - La cerámica de mesa romana en sus ámbitos de uso. Terra sigillata hispánica. I encuentro de investigadores. 19 y 20 de octubre de 2018. Andújar. Andújar: Ayuntamiento de Andújar, pp. 299-348.

UNIVERSITAT ROVIRA i VIRGILI · fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia · NOVA FCSH · CHAM Centro de Humanidades · Loures · UNIVERSITY OF LEICESTER